

AS IDEIAS FEMINISTAS EM *UMA CARTA TÃO LONGA*, DE MARIAMA BÂ

KHADIDIATOU NANKY¹
ALFEU SPAREMBERGER²

¹ Universidade Federal de Pelotas – luciananky1@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – berger9889@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga as ideias feministas presentes na obra *Uma carta tão longa* (2023 [1979]), romance da autora senegalesa Mariama Bâ. A comunicação é resultado dos estudos desenvolvidos na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução, do Programa Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A análise foi feita a partir da leitura atenta do romance, destacando temas como a crítica à poligamia, a luta por autonomia, a participação feminina na sociedade e a luta pela igualdade de gênero. A reflexão parte de um ponto de vista de comunicação literária e cultural, considerando, também, o contexto histórico-social em que a autora viveu e escreveu (OLIVEIRA, 2023). O estudo considerou, inicialmente, as pesquisas desenvolvidas em produções acadêmicas, como artigo, resenha e dissertação, quando foi proposta uma reflexão sobre a representação feminina na obra de Mariama Bâ (PALUMA, 2020), a questão do feminismo (MOREIRA, 2024) e uma observação sobre a condição sociocultural da mulher senegalesa na obra (ANDRADE, 2021).

Mariama Bâ (1929-1981) nasceu em Dakar, capital do Senegal, no seio de uma família muçulmana de classe média. Desde jovem destacou-se pelo pensamento crítico e pela defesa dos direitos das mulheres tanto na educação quanto na vida familiar e política, porque teve a oportunidade de estudar num contexto cujo acesso, na época, era ainda restrito às mulheres (BAMPOKY, 2022, p. 50). Formou-se professora e atuou como ativista e escritora. Sua experiência pessoal como mulher africana, educada em uma sociedade patriarcal, influenciou fortemente sua produção literária. Enquanto escritora, o reconhecimento da sua produção e do Prêmio que lhe foi concedido – Noma (1980) –, ocasionou polêmicas nos seios de cânones literários “machistas”. Não tardou a receber comentários pejorativos a respeito da sua produção literária e da sua capacidade intelectual, que foi julgada “eurocêntrica” por abordar temáticas não condizentes com a legítima representação da condição da mulher nas sociedades africanas, principalmente a senegalesa (BAMPOKY, 2022).

2 METODOLOGIA

Para este trabalho se utiliza uma análise do objeto de pesquisa, ou seja, o livro *Uma carta tão longa*. A leitura interpretativa e literária tem, por sua vez, foco em conteúdos e ideias feministas (BÂ, 2023, p. 109) e referências extraídas das leituras de artigos, livros e dissertações, que se relacionam com o tema. Trata-se, assim, de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e documental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹ Mestranda na Universidade Federal de Pelotas, RS, 2025

Uma carta tão longa é composta por uma única carta escrita por Ramatoulaye, narradora-personagem principal da obra e mulher recém-viúva, à sua amiga Aissatou. O romance apresenta um relato íntimo, que revela o cotidiano de uma mulher muçulmana e sua vida em sociedade. O texto reflete sobre o casamento, maternidade, amizades e o papel da mulher em um sistema dominado por costumes tradicionais e patriarcais. Isso pode ser percebido no seguinte trecho: “Nossas existências se encontraram. Nós conhecemos as brigas e as reconciliações da vida conjugal. Suportamos, de maneiras diferentes, as violências sociais e o peso da moralidade” (BÂ, 2023, p. 41). Tal experiência confina as mulheres ao silêncio e à submissão. Este trecho oferece, portanto, um olhar sobre a vivência das mulheres no romance. Por meio deste, BRESSE (2006 *apud* OLIVEIRA, 2023, p. 100) afirmou que o estatuto da mulher no pensamento patriarcal foi sempre definido pela marginalização, pela estigmatização e pela domesticação.

A narrativa ocorre, principalmente, em Dakar, entre o espaço doméstico (lar) e os espaços sociais (escola, mesquita, funerais), num tempo contemporâneo ao da autora, com muitas referências ao período colonial e à independência do Senegal.

Mariama Bâ (2023), no romance, mostra a dor e a desigualdade vivida pelas mulheres que compartilham sem querer o mesmo marido, ou seja, como vítimas da poligamia. No caso da protagonista Ramatoulaye, ela foi traída quando seu marido se casou com uma mulher mais jovem com a idade da sua filha, e a autora mostra, por meio disso, o sofrimento emocional causado por essa prática, questionando a legitimidade dela como modelo familiar:

Loucura ou desejo? Falta de coração ou amor irresistível? Qual desordem interior desencaminhou a conduta de Modou Fall para casar-se com Binetou? E dizer que amei perdidamente esse homem, dizer que consagrei trinta anos de minha vida a ele, dizer que carreguei doze vezes filhos dele. A adição uma rival à minha vida não foi suficiente. Ao amar outra, ele queimou seu passado moral e materialmente, ele ousou tal renúncia... E ainda assim... E, ainda assim, o que ele não fez para que eu me tornasse sua mulher! (p. 26-27).

É um relato emocionante, triste, marcado de desespero e de uma desilusão profunda que se percebe na voz da narradora traída pelo marido ao desposar uma outra mulher. Vive o impacto da poligamia que revelou desigualdade e abandono depois de anos de sacrifícios. São fatos enfrentados por muitas mulheres sem que tenham o direito de contestar, pois esta é a lógica da sociedade. Negá-la é, portanto, desafiar as normas sociais e religiosas e, assim, ser identificada como uma mulher sem honra e fora das normas.

Tanto Ramatoulaye quanto Aissatou são mulheres instruídas, porém esta última, ao ser abandonada, toma a decisão de romper com o casamento e criar os filhos sozinha, tornando-se uma mulher autônoma e independente emocional e financeiramente após conseguir um emprego na embaixada do Senegal nos Estados Unidos (BÂ, 2023, p. 63). Isso demonstra uma resistência ativa ao papel tradicional de submissão feminina.

A questão da participação social e política foi destacada no romance em que a escritora discute a ausência da mulher no processo de reconstrução ou construção de uma nova sociedade senegalesa pós-colonial. Dessa forma, por meio de um diálogo sobre política entre a protagonista e Daouda Dieng,

personagem membro da assembleia, a autora critica a reduzida participação feminina na assembleia nacional do país, qualificada por ela como “Assembleia masculina”, pois, sob uma centena de deputados, somente quatro mulheres foram eleitas. O encontro com Daouda constitui, assim, o momento em que Ramatoulaye expressa de forma mais contundente suas opiniões políticas a respeito dos direitos das mulheres:

Temos direito, tanto quanto vocês, à instrução que pode levar nossa capacidade intelectual ao limite. Temos direito ao trabalho alocado de forma imparcial e remunerado justamente. O direito ao voto é uma arma séria. E finalmente foi promulgado o Código da Família, que restitui à mais humilde das mulheres sua dignidade tantas vezes violada. [...] Quase vinte anos de independência! Quando teremos a primeira-ministra mulher associada às decisões que orientam o futuro de nosso país? E apesar do ativismo e da capacidade das mulheres, o comprometimento desinteressado delas não precisa mais ser demonstrado. A mulher alçou mais de um homem ao poder. [...] “Quando a sociedade educada conseguirá se determinar não em função do sexo, mas por critérios de valor?” (BÂ, 2023, p. 110).

É necessário frisar que a personagem possui esses pensamentos devido à educação que recebeu, não sendo, portanto, algo comum para as senegalesas na época. Além disso, a sua opinião foi partilhada por seu interlocutor, que desaprovava esta falta até ser taxado de “feminista” por querer uma mudança (BÂ, 2023, p. 111). Com isso, a romancista revelou seu caráter feminista sendo a primeira escritora senegalesa a criticar na sua obra a naturalização desse sistema desigual. Ao discutir sobre isso, PALUMA (2023) menciona, no capítulo *A literatura de autoria feminina: teoria e pressupostos*, o que segue: “A crítica à escrita de autoria feminina marcou uma época de inovação na literatura, no sentido da sua legitimação, que até então era predominantemente realizada num campo masculino” (p. 85).

Como as mulheres costumam ficar presas entre os discursos religiosos e tradicionais concorrentes, a mentalidade popular senegalesa coloca toda a essência da mulher nos homens. Ainda com base nisso, quando uma mulher está feliz não precisa reclamar e se preocupar com questões feministas “importadas”. Neste contexto, o conceito de feminismo é definido como uma ideologia importada do Ocidente, assim como as feministas são vistas como mulheres amaldiçoadas, rebeldes ou desviantes; isso porque rompem com os papéis tradicionais e questionam as normas culturais profundamente enraizadas na sociedade senegalesa. Ou seja, são acusadas de pensar demais porque o feminismo se tornou uma ferramenta intelectual admitida na universidade (MOREIRA, 2024, p.133).

A sociedade senegalesa, profundamente marcada pela religião islâmica e pela colonização, que teve um papel crucial na solidificação de uma gama variada de costumes, pode ser vista como conservadora nomeadamente quando tratamos da participação da mulher nas demandas sociais e na busca por autonomia:

(...) esta tradição se encontra em um emaranhado onde há influências islâmicas, mas sobretudo do colonialismo francês, que reforçou os papéis da mulher subalterna na sociedade senegalesa. A história colonial revela um padrão pelo qual funcionários coloniais e homens nativos passaram a compartilhar uma linguagem semelhante, percepções sobre o significado de ser mulher e os

deveres que a elas competiam (LATHA *apud* MOREIRA, 2024, p. 136).

No caso da igualdade, Mariama Bâ traz uma reflexão sobre os papéis de gênero falando sobre um equilíbrio nas relações conjugais e a possibilidade de a mulher assumir o protagonismo da ruptura. Por meio de Daba, a filha da protagonista, Bâ sugere que a mulher não é prisioneira da instituição matrimonial, criticando, assim, as rígidas estruturas do casamento tradicional senegalês.

4 CONCLUSÕES

O romance *Uma carta tão longa* é uma obra fundamental na história da literatura de autoria feminina africana e, particularmente, significativa para as mulheres senegalesas. A escritora, por meio das personagens, deu voz a essas mulheres em uma época (anos 1970) em que a literatura africana era dominada por homens e raramente abordava questões femininas a partir de uma perspectiva interna, com uma voz feminina que critica a poligamia, reivindicando a luta por autonomia e participação feminina, assim como a igualdade de gênero na sociedade. O romance de Mariama Bâ, por fim, inspirou gerações de escritoras africanas, como Aminata Sow Fall, Chimamanda Adichie, Paulina Chiziane, etc., além dos movimentos feministas africanos. A obra continua, portanto, sendo lida em escolas e universidades, e ajuda as mulheres a se reconhecerem, se valorizarem e se mobilizarem por seus direitos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Alexandra Almeida de; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; HUMBLÉ, Philippe. A longa carta de Mariama Bâ e a escrita de si. *Revell*, v. 3, n. 36, p. 100, dez. 2023.

ANDRADE, M. R. R. A condição sociocultural da mulher senegalesa em “Une Si Longue Lettre”, de Mariama Bâ. In: CONGRESSO CRIM/UFMG, Interseccionalidade e Feminismos, 1., 2021. Belo Horizonte. **Recurso eletrônico on-line**. Belo Horizonte, 2021. (Tema: Gênero, feminismos e violência).

BÂ, Mariama. **Uma carta tão longa**. Tradução Marina Bueno de Carvalho. São Paulo: Editora, Jandaira, 2023.

BAMPOKY, Providence. Emancipar-se numa sociedade poligâmica: uma análise de Une Si Longue Lettre, de Mariama Ba. **A revista Mulemba**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 14, n. 26, p. 47-64, jan./jun. 2022. ISSN:2176-381x

MOREIRA, E. C. Notas sobre mulherismo africana e mulherismo islâmico senegalês: pensando chaves interpretativas não eurocentradas. **Revista Faces de Clio – Dossiê Racismo: História, Cultura e Ruptura**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 10, n. 19, 2024. e-ISSN: 2359-4489

PALUMA, V. C. G. **Identidade, memória e autoficção em Une Si Longue Lettre**, de Mariama Bâ. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Uberlândia, 2020